

A EDUCAÇÃO POPULAR E SUAS PERSPECTIVAS FRENTE AOS DESAFIOS EDUCACIONAIS

Luandson Luis da Silva¹
Damião Cavalcante do Nascimento²

RESUMO

O presente artigo traz elementos constitutivos da educação popular por valorizar os saberes, conhecimentos e realidades dos sujeitos e seus povos. O objetivo geral deste artigo consiste em apresentar os desafios da educação popular no Brasil, tendo como base os aspectos da constitutivos da diversidade dos povos. A partir desta construção o trabalho justifica-se pela carga de contribuições que a educação popular traz a literatura por desenvolver o olhar crítico acerca da realidade, por isso deve partir do diálogo e da participação dos sujeitos inseridos na sociedade. Neste sentido, com este trabalho buscamos responder a seguinte questão problema: Como se encontra a educação frente aos desafios da educação popular no Brasil, tendo como base os aspectos da constitutivos da diversidade dos povos? Essa indagação busca propiciar saberes identitários como objetivo de ensino, ao passo que os indivíduos são valorizados eventualmente no seu processo de ensino aprendizagem. Vale ressaltar, que esta pesquisa é qualitativa e de aporte bibliográfico, com isso recorreremos às tessituras de alguns autores tais como: Arroyo (2019); Brandão (2007); Freire (1987; 2006); Gadotti (2003; 1997); (2012); Pimenta (1997); Sousa (2016); entre outros. A pesquisa constatou que os processos educacionais referentes a Educação Popular no Brasil apresentam desafios e possibilidades, tendo como base os aspectos da constitutivos da diversidade dos povos.

Palavras-chave: Educação popular, Desafios e possibilidades, Diversidade dos povos.

INTRODUÇÃO

A educação popular tem sido muito importante por valorizar os saberes, conhecimentos e realidades dos sujeitos, assim se constroem novos conhecimentos acessíveis para determinado povo. Além disso, é perceptível que a partir da educação pode se desenvolver o olhar crítico acerca da realidade, facilitando o desenvolvimento do discente e sua localidade ao qual está inserido. Por conseguinte, a partir da educação³ é algo muito importante e nosso meio, por isso deve partir do diálogo e da participação dos sujeitos inseridos. Assim, permitir ao aluno (re) escrever a sua realidade social é uma tarefa a ser buscada neste percurso.

Da mesma maneira, a Educação Popular⁴ propicia saberes identitários como objetivo de

¹Doutorando do Curso de Doctorado en Ciencias de la Educación da Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-PY), professorluandsonluis@gmail.com;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB – Campus III, dammiao.cavalcante@gmail.com

³ De acordo com Freire (1987, p. 44), “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.”

⁴ Pereira e Pereira (2010, p. 86), afirmam que: “[...] a Educação popular é um laboratório de experimentação, busca desvendar e reinventar o mundo. Possibilita encontros humanos mais verdadeiros e significativos, estimula a produção de conhecimentos que nos ajudam a construir uma vida melhor.”



ensino, ao passo que os indivíduos são valorizados eventualmente no seu processo de ensino-aprendizagem, nota-se que a educação tem se tornado um espaço de afetividade e conscientização.

Eventualmente o aprendizado ocorre em muitos locais, sendo assim, partir dos conhecimentos prévios dos sujeitos é essencial para nessa conjectura mudarmos com a realidade tão desigual que tem vigorado, visto que o reconhecer os saberes populares é imprescindível.

A Educação transforma vidas, o que acaba refletindo na sociedade para mais modificação, da mesma maneira como bem apontava Paulo Freire em sua célebre frase, “educar é um ato político”, resultando em uma educação voltada para o sujeito com capacidade de se posicionar efetivamente frente aos desafios da sociedade. Dessa feita, partimos da seguinte questão: Como se encontra a educação frente aos desafios da educação popular no Brasil, tendo como base os aspectos da constitutivos da diversidade dos povos? Essa indagação busca propiciar saberes identitários como objetivo de ensino, ao passo que os indivíduos são valorizados eventualmente no seu processo de ensino aprendizagem. Diante dessa propositura, em primeiro lugar, é preciso pensar nos moldes sociais que não deixamos ser humano se tornar consciente do seu fazer e do seu papel social. Sendo assim, o aluno tem sua história, experiências dinâmicas capazes de mudar com a predeterminação imposta a ele.

O objetivo geral deste artigo consiste em apresentar os desafios da educação popular no Brasil, tendo como base os aspectos da constitutivos da diversidade dos povos. A partir desta construção o trabalho justifica-se pela carga de contribuições que a educação popular traz a literatura por desenvolver o olhar crítico acerca da realidade, por isso deve partir do diálogo e da participação dos sujeitos inseridos na sociedade.

Esta pesquisa é qualitativa e de aporte bibliográfico, com isso recorreremos às tessituras de alguns autores tais como: Arroyo (2019); Bourdieu (2007); Brandão (2007); Damo(2011); Freire (1987; 2006); Gadotti (2003; 1997); Gil (2002); Martins (2015); Pereira e Pereira(2012); Pimenta (1997); Sousa (2016); entre outros, para entendermos os processos educacionais referente a Educação Popular no Brasil.

Para tanto, este trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente o resumo, logo após uma introdução, seguida da metodologia da pesquisa, na sequência trazemos a discussão acerca do tema proposto acompanhada das considerações finais e por fim demonstramos os referenciais.

METODOLOGIA

A metodologia que utilizamos nesta pesquisa foi a qualitativa, por isso, escrevemos sob a ótica de alguns pesquisadores postos em seus trabalhos, assim pesquisaremos artigos, no Google Acadêmico, Revista SciELO, entre outros acerca da Educação popular. Nesse contexto, a pesquisa bibliográfica permite entendermos o cenário educacional popular brasileiro.

De acordo com Antônio Carlos Gil, (2002, p. 44): “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Desse modo, fizemos primeiramente um levantamento bibliográfico acerca da educação popular e como esta se mantém na nossa sociedade em meio as desigualdades sociais, logo após as análises partimos para a feitoria deste trabalho.

A EMANCIPAÇÃO DOS SUJEITOS ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO POPULAR

A educação popular é uma educação nova, chega no Brasil por volta da década de 1940, ela ocorre pelo contexto social da urbanização e industrialização, as organizações sociais vão lutar para ter um ensino público e de qualidade para todos. A ideia da nação se desenvolver traria em seu seio a industrialização do país e para isso seria necessário ter uma educação de qualidade, instrumento de conscientização do povo para com isso o Estado se modernizar. Sendo assim, formação de trabalhadores para o trabalho é necessária, mas é preciso instruí-los e capacitá-los para os diversos trabalhos, assim a nação seria competitiva.

É preciso entendermos que a educação que se almeja é uma educação crítica, reflexiva, emancipadora consciente. Somente através da educação se poderia ascender e tem melhorias para a população, a educação é a opção mais viável. Na perspectiva de Freire (2006, p. 43):

A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito.

O movimento da educação popular vai ganhando força, por isso a educação popular era, e ainda é muito importante para a transformação social que queremos, pois, ainda estamos além de chegarmos ao patamar que queremos. A realidade dos sujeitos é necessária, partindo da realidade dos alunos, novas metodologias que constatem a conscientização do povo, sua vivência e a educação é uma forma de mudança.



A Educação Popular que vivenciamos no Brasil ressalta cotidianamente a ideia de resistência, visto que as contribuições partidas através dos movimentos de luta. O livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (1987), traz muitas questões pertinentes a nossa realidade social acerca das batalhas que precisamos travar por nossos direitos. Desse modo, a educação faz parte dessa luta, por isso, a “práxis” do educador precisa se pautar na orientação, por ações pedagógicas com o intuito de quebrar as barreiras e condições impostas pelo opressor.

A proposta que Freire traz é a perspectiva que desnevarmos a consciência crítica, para com isso o sujeito oprimido se perceber o mundo em que atua para enfrentar a realidade social conscientemente. Nesse ínterim, a educação pode ser um meio pelo qual o diálogo possa ocorrer e a partir daí os indivíduos possam se tornar sujeitos de sua própria realidade. Freire (1987), aponta que é preciso conhecermos a nossa realidade para podermos transformá-la. Assim, o professor tem um papel muito importante na transformação dos educandos e para que isso ocorra a inteiração faz parte do processo, o diálogo é o melhor caminho para ocorrer melhorias.

Sendo assim, Martins et al. (2015, p. 6), aborda os conceitos de opressor, oprimido e o poder que a educação tem para mudar os sujeitos libertadoramente e consciente das pessoas oprimidas, afirmam que:

Diferente da educação bancária, o autor traz a educação libertadora, que busca educar o homem na ação e reflexão sobre o mundo. Nesse sentido a educação bancária deixaria de existir, dando lugar a uma educação problematizadora, uma educação que acredita na capacidade de conhecer e interagir com esse conhecimento criticamente fazendo com que ele não seja o resultado final dele mesmo, mas sim, mediador de conhecimentos

Segundo Paulo Freire (1987), os homens precisam reconhecer mais a si mesmos, pois reconhece que a desumanização existe é o primeiro passo para os oprimidos parar com a violência imposta pelo opressor, por isso é preciso (re) construir a mentalidade dos sujeitos. O oprimido tem o papel crucial, o de libertador da humanidade, entretanto para isso ocorrer é preciso se libertar das garras do opressor para poder libertá-lo.

Observamos em Freire (1987), as estratégias do opressor e sua falsa caridade, se percebe os meios utilizados pelas classes sociais favorecidas e seu engajamento em enganar as classes oprimidas, tudo isso para permanecer controlando, como faz há muito tempo. Nesse contexto, a busca de novos caminhos para sair da opressão que muitos vivem é necessário e urgente.

No meio educacional existem muitos opressores que visam uma educação voltada para seus interesses lucrativos. Por isso, os oprimidos (classe social desfavorecida) precisa perceber o mundo de opressão em que vivem, pois, na perspectiva de Freire (1987, p. 28), “somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem

libertam, nem se libertam”.

O tema central do trabalho de Freire é a conscientização, por isso percebemos a libertação do sujeito favorece a transformação de uma identidade crítica, assim os seres humanos são passíveis de constante aprendizado. Assim, Freire (1987), nos faz conjecturar que a conscientização é um processo que está inacabado. Dessa feita, a educação precisa caminhar lado a lado com a conscientização. Sendo assim, o conhecimento precisa ser visto como o processo pelo qual horizontalmente o aluno e o professor buscam por transformação.

Damo; Moura e Cruz (2011, p. 4), em sua pesquisa colocam que a conscientização perpassa por processos de transformação de uma consciência alienada para crítica. Desse modo, as classes sociais desfavorecidas carecem entender que são oprimidas. Com isso a Educação necessita de conscientização em relação à realidade que os condiciona, estes pesquisadores demonstram que “a conscientização não se encontra mais somente na relação consciência/mundo, mas transcende, convidando-nos a assumirmos uma posição utópica frente ao mundo”.

Desse modo, o professor precisa desenvolver vários conhecimentos sobre a realidade conscientemente, buscando melhorias na perspectiva de transformar com a realidade ao qual está inserido, assim a educação popular é conscientizadora e crítica, elencando a importância dos alunos e professores em processos de ensino aprendizagem cíclica.

Entendemos que a Educação precisa ser contínua e trazer no seu seio a conscientização. Dessa feita, Freire (1987), ao elencar o papel de uma educação conscientizadora para as classes sociais desfavorecidas, e com isso percebemos a importância de uma educação que possa contribuir com a transformação das práticas educacionais, trazendo sentido para a vida dos alunos. Sendo assim, é preciso um certo olhar para as múltiplas diferenças, histórias, conhecimentos dos educandos.

O mundo vem se transformando constantemente, essa evolução precisa ser contemplada na educação, percebendo a sociedade de forma crítica é essencial. A Educação Popular como ato político tem a intenção de transformar as realidades vivenciadas por muitos desfavorecidos, para isso é preciso dar oportunidades, pois as desigualdades não são naturais, assim é preciso buscar mudanças, a começar com a educação faz todo sentido. Esse ato político educacional, possibilita escolhas, e nessas os objetivos estão presentes, com suas possibilidades de mudanças conscientizando. Desse modo, o aluno deve se posicionar, evidenciar os saberes e se posicionar frente a eles.

Os diferentes saberes precisam ser considerados através do diálogo com os discentes elencando as experiências. Nessa perspectiva, trazemos o olhar de Sousa e Queiroz (2016), ao



abordarem a “práxis” e o fazer pedagógico em sala de aula, visto que a libertação dos discentes precisa ser feita de forma humanizada, libertadora, pois os oprimidos e explorados precisam saber do seu papel enquanto classe social, precisam sair da condição de oprimidos. As pesquisadoras citadas acima analisam a figura do opressor e o seu desejo em manter o oprimido passivo, assim Sousa e Queiroz (2016, p. 3), afirmam que:

É necessário fazer a massa convencer-se de que somente eles podem se libertar e esta se dará através da pedagogia humanizada. [...] a educação continua com a característica opressora que veio propagando-se no decorrer dos séculos, e ainda na contemporaneidade encontramos professores opressores, que não tem uma visão humanista do aluno, apenas tecnicista e sistematizadora.

O professor não pode dominar os alunos, precisa ter a consciência da transformação para com uma educação crítica e ativa. Os dois, educador e educando têm papéis similares, são agentes ativos, atores sociais participantes e transformadores, por isso, o diálogo, reflexão são tão necessárias. Dessa feita, Freire (1987, p. 37), aponta que a opressão pode ocorrer entre outras formas nos espaços escolares, por isso é preciso muito cuidado com a educação bancária constantemente:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante.

Observa-se a existência da necessidade de os sujeitos saírem da condição que lhes é imposta, a de desumanizados e oprimidos, tarefa que não é fácil. Entretanto, quando isso ocorre o indivíduo passa para outra condição, outro patamar, possível de se reconstruir e valorizar suas capacidades, seu ser, agindo condizentemente com a realidade e buscando por mudanças sociais, ajudando o outro a ter conscientização. Essa é uma tarefa do professor, da Educação Popular, que precisa transformar a realidade em sua volta fazendo parte do processo de desalienação.

Nesse contexto, dialogamos com Arroyo (2019), que observa na pedagogia de Paulo Freire muitos caminhos para a construção de um mundo melhor, com mais equidade social. No entanto, percebe-se que muitas formas de opressão existem e se camuflam, assim chamar a atenção para a necessidade urgente de mudarmos com esse sistema desigual e de opressão é necessário. Segundo seu pensamento é preciso a superação das desigualdades. De acordo com este pesquisador, (2019. p. 3).

As violências de Estado são atuais e requintadas contra os mesmos coletivos: os trabalhadores e seus direitos; os jovens pobres, negros, periféricos e seus extermínios; os movimentos sociais por direito à terra, ao teto, ao trabalho, à renda, à saúde, à educação, por identidades de coletivos reprimidos, exterminados. São tempos de anulação política das formas de resistência de classe dos oprimidos. [...], à ausência de direitos do trabalho, à falta de um futuro previdenciário; tempos de concentração da renda e da terra em mãos de poucos e de aumento da miséria, da pobreza, dos sem-renda, dos sem-terra, dos sem-teto, dos sem-trabalho.

A opressão segundo este pesquisador não é apenas coisa do passado, mas sim atual, as violências estão desenfreadas, atingindo os oprimidos e os espaços ao qual estão inseridos, como: sociais, políticos, culturais, econômicos, educacionais, por isso precisam lutar cotidianamente para sobreviver. Nesse sentido é preciso estar sempre atento as práticas pedagógicas para entendermos se estão superando ou se permanece excluindo esses sujeitos.

Dessa feita, Arroyo (2019, p. 6), explicita que: “Reconhecer os Outros, os oprimidos, como sujeitos de formação humana representa outro paradigma de formação humana. Mas Paulo vai além: denuncia que os oprimidos são condenados a processos históricos brutais de de-formação humana.” Nesse contexto, é perceptível pedagogias segregadoras existentes nos sistemas escolares, buscando apenas classificar os sujeitos, no intuito de manter os padrões que os opressores querem manter, por isso a necessidade de uma educação popular voltada para os oprimidos e sua libertação, emancipação, dos moldes engessados.

Contudo, corroboramos com o pensamento de Bourdieu (2007), este pesquisador traça um panorama muito interessante acerca dos estudantes e as relações de desigualdades no acesso e permanência às escolas e à educação e afirma que na sociedade de classe as exclusões existem, inferiorizando grupos, principalmente no ambiente escolar. Para esse autor é preciso olhar a fundo os males que afeta a educação, como afirma: “Mas não é suficiente enunciar o fato da desigualdade diante da escola, é necessário descrever os mecanismos objetivos que determinam a eliminação contínua das crianças desfavorecidas.” (BOURDIEU, 2007, p. 41). Na educação também existem desigualdades que precisam ser sanadas, para isso ocorrer será preciso fortalecer os movimentos sociais e a Educação Popular.

Além disso, para Pimenta (1997), é preciso repensarmos as práticas docentes, desde a formação inicial até a continuada, com isso se torna possível a reflexão do próprio docente sobre sua prática escolar do dia a dia. A ressignificação dos processos formativos, dos saberes docentes é importante, por issoos professores precisam caminhar juntos para construírem suas práticas sociais através da mediação do conhecimento e a reflexão crítica e social deve se faz presente e parte da educação. Dessa forma, Pimenta (1997, p. 6), aponta que:



Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva, nos alunos, conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem, permanentemente, irem construindo seus saberes fazeres docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino, como prática social, lhes coloca no cotidiano.

A educação como prática social precisa construir saberes condizentes com a realidade dos sujeitos locais. Por isso a prática do docente deve caminhar na lida do dia a dia buscando solucionar os problemas existentes a partir de decisões e troca de experiências dos sujeitos, estes devem ser valorizados enquanto seres humanos com saberes diversos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constata-se que a educação, na atualidade tem muitas fragilidades, segundo Gadotti (2003), a educação no Brasil tem se transformado constantemente, por isso a escola pública como escola popular, poderá dar ganhos fundamentais para os indivíduos. Entretanto, percebe-se através de suas análises que recentemente a educação pública de nosso país tem substancialmente enfraquecido. O ensino tem seus padrões e priorizar a democracia é também proporcionar mais qualidade de vida para o povo brasileiro, assim, Gadotti (2003, p. 165), aponta que: “Se aceitarmos o princípio de que não existem verdades absolutas, e se aceitarmos, igualmente, o ponto de vista das classes emergentes, o futuro da educação aponta para a escola única popular. Essa parece a direção, o ponto de vista com menos chances de errar”.

Observa-se que o Estado não proporciona o direito pleno para muitos cidadãos brasileiros como a educação integral, de qualidade para todos, verificasse que o ensino em muitos locais tem se mantido de baixa qualidade, onde a população desfavorecida sofre em condições miseráveis. Brandão (2007, p. 4), salienta que as disparidades sociais existem e em muitos casos atinge diretamente a educação. “Existimos dentro de um mundo social onde senhores do poder, através do Estado, decidem e definem para os “outros” (para nós) o que querem que seja a relação entre eles e os “outros” (nós)”.

Averiguou-se que os problemas educacionais brasileiros estão longe de ser resolvidos, por isso a necessidade da participação popular ativa e conscientemente por parte dos educadores e discentes, nesse caso a participação e mobilização da comunidade escolar promoverá um novo olhar acerca de muitos problemas que vem ocorrendo na educação atual. Nesse sentido, é preciso o envolvimento e responsabilidade das classes sociais desfavorecidas, principalmente no enfrentamento das desigualdades educacionais.

O aluno precisa de direcionamentos e diálogo para compreender o mundo ao seu redor,

não só a partir de referenciais escolares, daí a importância da emancipação desses sujeitos. Por isso, a educação popular deve ser “emancipadora”, o aluno precisa ser reconhecido como ser necessário e importante, para com isso se reconhecer no meio em que vive, assim o professor precisa possibilitar meios de desenvolver a compreensão da realidade ao qual esse sujeito está inserido. De acordo como pensamento de Brandão (2007, p. 56), “[...] o objetivo da educação popular deve ser o de fortalecer próprias organizações locais e populares de poder na comunidade.” Além disso, a educação precisa ser popular com acessibilidade para todos, em todos os espaços.

Neste contexto, a educação como bem social precisa ser pública e também de qualidade. Além disso, os sujeitos precisam se mobilizarem pela educação, ainda mais é necessário a conscientização da população, em especial a marginalizada, provocando busca por mudanças necessárias de uma sociedade mais igualitária e condizente com a realidade.

Não obstante, a escola é um espaço que precisa estar voltada para o contexto das lutas do povo local, além disso, as condições de vida desse povo precisam ser revisitadas. A escola pública tem um papel muito forte para contornar os problemas existentes e a partir do processo educacional buscar reivindicações e melhorias para a população menos assistida. Indubitavelmente as lutas que vem ocorrendo no ensino público não é atual, vem de longa data, com idas e voltas. O ensino público, gratuito e de qualidade é necessário, conseqüentemente, a escola pública popular e de qualidade deve ser o foco para que as classes trabalhadoras tenham seus direitos garantidos.

A escola pública precisa ter autonomia, preparando os sujeitos para enfrentar desafios que ocorrem na sociedade. A educação é um meio pelo qual pode-se trazer oportunidades a todos, desde que se ofereça aos sujeitos as condições necessárias.

Conforme Freire (1987, p. 16), nos mostra que a desumanização é um ato histórico pautado na violência com o intuito de submeter os oprimidos, ressalta ainda a necessidade de lutarmos para superar essa condição, como afirma: “[...] esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos”.

Do mesmo modo, Pereira e Pereira (2010), afirmam que a Educação Popular nasce fora da escola visando emancipar os sujeitos, por isso as escolas e suas práticas educacionais precisam ser repensadas a partir de novas perspectivas. Todavia, existem inúmeros desafios, conflitos, disputas e desigualdades que assim como a educação precisa ser revista. Segundo o pensamento destes pesquisadores a educação das massas poderá propiciar o progresso social

econômico do país, através do ensino crítico reflexivo de forma que o acesso à leitura, escrita, ao diálogo construa estratégias para o povo excluído sair da condição preexistente, com direitos garantidos e efetivados.

A formação dos sujeitos, parte do princípio de que esta deve ser crítica, consciente, reflexiva, visto que a educação deve ser voltada para a realidade do discente em diálogo possível. “A Educação popular procura construir uma relação dialógica entre educador e educando. O diálogo é o caminho para o conhecimento, pois, por meio dele, inicia-se a construção de vínculos mais verdadeiros entre as pessoas envolvidas.” (PEREIRA; PEREIRA, 2010, p. 85).

Nesse contexto, a educação popular tem possibilidade de superar a dominação dos sujeitos desfavorecidos, ocasionando em uma transformação positiva do mundo através desses sujeitos e de seu potencial criador. Assim, Freire, (1987, p. 24), evidencia que: “somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam”.

De acordo com Gadotti (2003, p. 174), a Educação tem muitas possibilidades de proporcionar transformação nas pessoas, trazendo oportunidades para a construção de uma sociedade mais justa, mais humana e menos desigual, como demonstra: “[...] a educação pública pode desempenhar um papel importante na construção de uma efetiva soberania popular, articulando as lutas pedagógicas com as lutas sociais, pela emancipação de toda a sociedade”.

Portanto, educação popular surge com a perspectiva de emancipar os sujeitos, o docente e o discente constroem suas relações conscientemente com base no diálogo se reconhecendo como sujeitos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante os aspectos apresentados neste trabalho, percebemos que existem muitos desafios que a Educação Popular precisa enfrentar em nosso país no contexto atual, entendemos também que os processos reivindicatórios e de resistência são importantes instrumentos que precisam ser utilizados pelas classes desfavorecidas. Ou seja, é necessário mais força dos movimentos sociais, para com isso buscar os direitos de todos os sujeitos históricos de nossa sociedade que vivem desprezados pelo Estado.

Em suma, é perceptível a propostas revolucionárias que Paulo Freire traz, de uma educação libertadora. No entanto, ressalta-se na *Pedagogia do Oprimido* que há um empecilho para realização da tão almejada proposta de uma Educação de qualidade para todos e, além

disso, conscientizadora. Verifica-se a existência de uma educação ideológica, onde a classe favorecida é a que domina desde muito tempo, de fato é opressora, impõe sua superioridade aos menos favorecidos, os oprimidos. Por isso, a importância de uma Educação Popular conscientizadora e crítica, para podermos um dia chegar à equidade social. Uma educação antiautoritária, onde discentes e docentes possam construir horizontalmente o conhecimento e mudanças sociais juntos.

Em nossa pesquisa entendemos que a nossa sociedade precisa ser mais solidária com o próximo e que a educação popular pode ser o caminho muito importante e eficaz para a emancipação dos sujeitos. Freire (1987), defende a libertação dos oprimidos para eles libertarem os opressores, contudo, esse ideal é muito difícil de se concretizar, visto que os opressores não pretendem dar liberdade e libertar a nenhum dos lados.

É perceptível muitas injustiças e desigualdades sociais no Brasil. Entretanto, a relevância de uma Educação Popular que apoie os sujeitos e fortaleça a coletividade é indispensável na atual situação que vivenciamos, assim a educação popular precisa ganhar forças nesse cenário de lutas. Todavia, cabe aos educadores atentarem para a educação de forma consciente, onde os educandos sejam compelidos a buscar mudanças para a sua realidade através da conscientização, valorizando suas identidades locais, culturais e de classe como sujeitos importantes.

Portanto, a educação proposta por Freire e outros pensadores vem promover a justiça, a liberdade, a expressão dos oprimidos, sendo indiferente a qualquer categoria de imposição e autoritarismo, característica da educação opressora alienante. É preciso buscar mudanças!

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel Gonzalez. Dossiê - Paulo Freire: o legado global artigo - Paulo Freire: outro paradigma pedagógico? In: **EDUR. Educação em Revista** | Belo Horizonte | Dossiê - Paulo Freire: O Legado Global|v.35|e214631|2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/yntcdQPN9668CrYfmw6QTcQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 dez. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura. In: **Escritos de educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (org.). 9 ed. Petrópolis: Vozes. p. 39-64. 2007. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-Escritos-de-educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular?**. Editora Brasiliense. Ed.:49.São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.ifibe.edu.br/arq/201509112220031556922168.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2021.
- DAMO, Andreisa; MOURA, Danieli Veleda; CRUZ, Ricardo Gauterio. Conscientização em Paulo Freire: Consciência, transformação e liberdade. In: *Contribuciones a las Ciencias Sociales*. **Enero**, 2011. Disponível em: Acesso em: 12 dez. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2021.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 29ª edição, 2006. Disponível em:

http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em: 17 dez. 2021.

GADOTTI, Moacir. Escola pública popular. In: **Educação Popular: utopia Latino-Americana**. Moacir Gadotti, Carlos A. Torres (org.). Tradução de: Jaime Bizeh. 2. ed. – Brasília: Ibama, 2003. Disponível em:

<http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/livros/educapopularutopialatinoamericanadigital.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. In: **Revista da Faculdade de Educação**. Print version ISSN 0102-2555. Rev. Fac. Educ. vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. 4 ed. Atlas, 2002.

MARTINS, Francisca Claudivânia Gomes. Et al. A pedagogia do oprimido e a práxis pedagógica libertadora de Paulo Freire. In: **XXII Semana de Educação UECE**. 2015.

Disponível em:

http://www.uece.br/eventos/semanadeeducacaouece/anais/trabalhos_completos/210-13490-21092015-190501.pdf. Acesso em: 18 dez. 2021.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira; PEREIRA, Eduardo Tadeu. Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 10, n. 40, p. 72–89, 2012. DOI:

10.20396/rho.v10i40.8639807. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639807>. Acesso em: 3 dez. 2021.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: **Nuances: Estudos sobre Educação- Vol. III**, 1997. DOI:

<https://doi.org/10.14572/nuances.v3i3.50>. Disponível em:

<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/50>. Acesso em: 16 dez. 2021.

SOUSA, Mayara Viviane Silva de; QUEIROZ, Lavínia Maria Silva. Pedagogia do oprimido: uma educação como prática de conscientização. In: **III CONEDU**. 2016. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD1_SA2_ID_3711_14082016203332.pdf. Acesso em: 16 dez. 2021.